



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7061 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

**"EU NÃO FUI FORMADA PRA ISSO": REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE INCLUSÃO, DIFERENÇAS E INFÂNCIA(S)**

Cristiane Perol da Silva - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**"EU NÃO FUI FORMADA PRA ISSO": REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE INCLUSÃO, DIFERENÇAS E INFÂNCIA(S)**

O estudo aqui apresentado compõe uma dissertação de mestrado que investigou as representações sociais (RS) sobre inclusão e diferenças de professoras que atuavam na educação infantil, com crianças de 4 a 5 anos de idade, em duas escolas localizadas em um município próximo à Região Metropolitana de Campinas/SP. Esta proposta de pesquisa nasceu a partir de um estudo de caso anterior realizado durante o trabalho de conclusão de curso da pesquisadora responsável, no qual foram investigadas as RS de algumas gestoras e professoras que atuavam em creches a respeito da inclusão e das diferenças na educação infantil. Nessa pesquisa, as narrativas indicaram que a ideia de normalidade marcava as representações sobre inclusão e diferenças, sendo que essas últimas eram concebidas a partir de "atributos visíveis": físico-biológicos, sensoriais, afetivo-sexuais e/ou de classe social. Uma tendência de hierarquizar as diferenças foi observada nas participantes do estudo, que mostravam conceber que algumas delas poderiam ser objeto de debate nas escolas, como por exemplo o que consideravam "as deficiências" (afeitas no âmbito da educação especial, segundo as RS evidenciadas), enquanto outras diferenças não deveriam ser enfatizadas ou até mesmo estavam sendo ignoradas/ negadas no âmbito escolar, como questões de interseccionalidade (classe, raça/etnia, gênero/ sexualidade, geração). A referida pesquisa buscou evidenciar a importância dos espaços formativos continuados (na escola e fora dela) como possíveis meios de fomentar outras representações sociais dos educadores e educadoras. Confirmou-se também a urgência em se romper com uma representação predominante social e institucionalmente de que algumas diferenças são mais "legítimas" do que outras e a urgência de enfatizar a defesa de que a pluralidade (em seus vários aspectos) deve ser viabilizada e debatida, para que se efetive uma Educação para os Direitos Humanos desde a infância. Considerando tais pressupostos, deu-se continuidade à análise iniciada no estudo de conclusão de curso com a pesquisa de mestrado. Portanto, a pesquisa que aqui se apresenta teve como objetivo identificar as RS sobre inclusão e diferenças das professoras e problematizá-las junto as participantes através de grupos focais e entrevistas, de modo a observar como as reflexões propostas pela pesquisadora poderiam contribuir para a ressignificação das representações em torno da temática abordada.

Assumindo uma perspectiva metodológica cartográfica, para construir e observar os dados partiu-se dos pressupostos da Teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2015) articulada com a Filosofia da diferença com o intuito de potencializar algumas reflexões

sobre as RS evidenciadas. Considerando a especificidade das representações sociais criou-se um procedimento metodológico processual, aberto às questões que se apresentavam durante a pesquisa. Assim sendo, foram realizados quatro grupos focais com as educadoras durante a primeira etapa de produção de dados. Num segundo momento, três professoras foram selecionadas e entrevistadas individualmente por apresentarem discursos e representações sobre inclusão e diferenças aparentemente diversos. Recursos visuais como imagens, vídeos, gráficos, trechos de filmes e recortes de notícias foram inseridos nos roteiros que foram elaborados para as duas etapas da pesquisa, como formas de disparar a discussão. Essa opção partiu da necessidade observada de um roteiro que fosse flexível e que instigasse as participantes a falar sobre os temas em pauta.

Essa forma de construir o caminho metodológico deve-se à compreensão cartográfica assumida na realização da pesquisa, a partir das contribuições da Filosofia da diferença, na qual o pesquisador-cartógrafo assume uma postura singular: "Não coleta dados; ele os produz. Não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento." (COSTA, 2014, p. 71). A partir dessa compreensão metodológica mais fluida, os grupos focais e entrevistas foram gravados, posteriormente transcritos e organizados em quadros de análise.

Nas narrativas analisadas, observou-se que a infância apareceu tomada por uma tendência "prescritiva" determinada pelos adultos, que regula os tempos, saberes e fazeres das crianças. As falas indicaram uma representação de infância singular e universal, baseada em etapas de desenvolvimento. Quando as crianças não atingem os objetivos esperados e definidos temporalmente pela escola, as participantes indicam ser preciso algum encaminhamento para especialistas do âmbito da saúde. As professoras apontam que as crianças necessitam de tempos diferentes para aprender e se desenvolver, mas quando se deparam com uma dessas crianças, questionam se é somente uma questão de tempo ou se há algo de "anormal" implicado na diferença representada. Surge então o discurso clínico/nosológico no qual quem atestará se é algo que foge da normalidade serão os médicos e/ou outros profissionais da saúde. Nessa busca por avaliações diagnóstica que determinarão o que, como e quando aprender, a infância é patologizada, os laudos médicos ganham importância e as nomeações e classificações parecem ser determinantes para o trabalho com as crianças consideradas diferentes.

As professoras participantes indicaram ainda que se sentem mal preparadas para lidar com as diferenças (genericamente falando) na escola, afirmando que não foram formadas para isso e indicando uma formação universitária voltada para a normalidade. Com isso se revelou uma RS sobressalente de que a escola comum lida com o "sujeito/ criança normal", o que coloca a diferença como desvio por não fazer parte da escola regular. Em meio as discussões que se deram nos grupos focais e entrevistas, as educadoras revelaram ainda a importância de discutir a temática das diferenças e da inclusão nos espaços formativos da escola.

Observando as narrativas, surge uma relação direta entre as RS sobre as diferenças no espectro entre o normal e o anormal, e sobre o desenvolvimento das crianças. Indo de encontro ao que foi evidenciado no trabalho de conclusão de curso mencionado anteriormente, pode-se inferir que a representação social vigente de inclusão e diferenças está pautada na concepção de "correção" destinada a um grupo de sujeitos: os "deficientes". As RS evidenciadas na pesquisa revelam uma concepção de inclusão que não é para todo "diferente" (em termos interseccionais), mas para alguns. Aqueles que não integram o grupo para o qual se destina a inclusão, são desconsiderados da dimensão político-pedagógica sobre as diferenças, o que impacta diretamente na formação das crianças no contexto escolar, além de reforçar as relações desiguais de poder na sociedade, originar e alimentar preconceitos e injustiças de outras ordens.

No âmbito dos objetivos a que o estudo se propôs, observou-se que as representações sociais sobre os temas em pauta parecem ter se mantido ao final da pesquisa, apesar das participantes relatarem que as discussões as ajudaram a pensar sobre os temas discutidos. Reitera-se, como considerações finais, a importância dos espaços de formação nas escolas e a possibilidade de que se configurem como fomentadores de reflexões coletivas. Destaca-se ainda a importância de olhar para a formação inicial de professores, ampliando as abordagens quando se fala sobre inclusão e diferenças. Um outro aspecto importante é a necessidade de repensar a relação escola-saúde, revendo a forma como têm sido articuladas e buscando um diálogo que não sobreponha um conhecimento ao outro.

**Palavras-chave:** Inclusão. Diferenças. Infância(s). Representações sociais.

## **REFERÊNCIAS**

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, [S.l.], p. 066-077, ago. 2014.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.